

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
O Cinema Italiano, Lado B.  
1 de Julho de 2021

## LA ROMANA / 1954

*Adriana, Uma Rapariga de Roma*

*um filme de LUIGI ZAMPA*

**Realização:** Luigi Zampa / **Argumento:** Giorgio Bassani, Ennio Flaiano, Alberto Moravia, Luigi Zampa, adaptado do romance homónimo de Alberto Moravia / **Direcção de Fotografia:** Enzo Serafin / **Som:** Roy Mangano, Bruno Moreal / **Música Original:** Enzo Masetti, Franco Mannino / **Montagem:** Eraldo Da Roma / **Décor Décors :** Flavio Mogherini / **Guarda-Roupa:** Gaia Romanini / **Interpretação:** Gina Lollobrigida (Adriana Silenti), Daniel Gélin (Mino), Franco Fabrizi (Gino), Raymond Pellegrin (Astarita), Pina Piovani (la mère d'Adriana), Xenia Valderi (Gisella), Renato Tontini (Carlo Sonzogno), Gino Buzzanca (Riccardo), Giuseppe Addobbati (Tullio), Riccardo Garrone (Giancarlo), Giovanni Di Benedetto, Georges Bréhat, Alberto Anselmi, Bianca Maria Cerasoli, Ada Colangeli, Vincenzo Milazzo, Riccardo Ferri, Alfredo De Marco, Aldo Vasco, Gustavo Giorgi.

**Produção:** Dino De Laurentiis, Carlo Ponti / **Directores de Produção:** Giuseppe Colizzi, Luigi De Laurentiis / **Cópia:** em 35mm, preto e branco, legendada electronicamente em português / **Duração:** 93 minutos / **Estreia Mundial:** 27 de Outubro de 1954, Itália / **Estreia em Portugal:** 2 de Julho de 1970, Cinema Odeon / Primeira exibição na Cinemateca.

---

Estreado tardiamente em Portugal, **La Romana** chega agora, muitos anos depois, à Cinemateca. Na altura da sua estreia portuguesa, em 1970, escrevia-se na revista *Plateia* “Na senda da recuperação para o cinéfilo português, de filmes que não puderam ser exibidos em tempo devido, nem todos se justificam, pelo menos aos olhos do espectador médio. Mas para aqueles que se interessam mais profundamente pelo fenómeno cinematográfico, há sempre um motivo de curiosidade, um valor documental. Será este o caso desta “La Romana”, incrivelmente modesta de Luigi Zampa, que data de 1953. Posterior, portanto, a “Viver em Paz” (1946), “A Zaragateira” (1947) e “Toque a Rebate” (1948). Mais tarde, já na década de 60, veríamos filmes de Luigi Zampa como “Todos Foram Culpados”, “O Grande Vigarista”, “O Herói da Cidade”, e no ano passado, a estupenda sátira “Uma Carreira Sensacional”. Parece incrível que o realizador de “Adriana, Uma Rapariga de Roma” seja o mesmo, e que, para mais, se baseie num argumento (adaptação de um romance) do conotado Alberto Moravia e tenha sido premiado num Festival de Veneza. Desde o nível de fotonovela, à direcção de actores tudo é decepcionante. Irreconhecível. O que não quer dizer que seja totalmente desinteressante, como mero filme recreativo dentro dos moldes melodramáticos”.

Começamos por esta longa citação, pois dá-nos bem o contexto em que este filme foi relegado para uma certa invisibilidade, tanto em Portugal, como no estrangeiro. No caso português acrescentava-se obviamente a questão da censura, e tudo o que este filme “tinha de censurável”. A crítica internacional à data da sua estreia, que aconteceu no Festival de Veneza em 1954, também não foi muito favorável e a grande mais-valia apontada ao filme era Gina Lollobrigida, que tinha aqui uma das suas grandes aparições enquanto “diva” do cinema italiano de então. Em Veneza, nesse mesmo ano passava a seu lado **Senso**, de Visconti.

Adaptado de um romance homónimo de Alberto Moravia, **La Romana** tem sido sobretudo acusado de ter eliminado a complexidade do livro de Moravia (que tinha sido um êxito alguns anos antes, e que Moravia ajudou a transpor para o cinema por Zampa), desenhando uma protagonista feminina em traços simplistas, cujas limitações se estendiam ao contexto político e social em que se desenvolvia a sua história. Gina Lollobrigida é Adriana, uma jovem mulher lindíssima que, em plena Roma fascista, procura escapar à pobreza, guiada por uma mãe que nela deposita a esperança de um futuro mais próspero, determinado por um marido rico. E depressa no filme de Luigi Zampa se traça o destino da protagonista, enganada por uns e por outros, que resvala para a prostituição, sem perder a esperança num amor verdadeiro. Entre o motorista que a engana (o que dita o seu futuro), o (primeiro) amante com simpatias fascistas, um criminoso que se revela inesperadamente, ou o resistente antifascista por quem se apaixona, desenha-se um conjunto de arquétipos que ditam o tom deste melodrama tempestuoso, em que o fundo político do romance, sem ser totalmente apagado, acaba por ser relegado para segundo plano.

Menos conhecido que os seus contemporâneos, considerado frequentemente entre uma visão mais simplista do neorealismo de um De Santis, e o olhar mais cruel sobre o destino do homem e da sociedade de Monicelli, Zampa é um desses nomes do cinema italiano muitas vezes esquecidos. Mas como escreveu Carlo Lizanni em 1955, “com Zampa o cinema italiano conseguiu suprir uma das suas graves lacunas: a ausência de uma ‘produção média’, de filmes comerciais estimáveis.” E Lizanni continuava referindo a importância da produção mediana, sem descuidar o papel de todos os criadores de obras extremamente inovadoras e originais. “A produção mediana tem uma grande importância em cada país, ao formar a ossatura de todo o cinema, vulgarizando os motivos fundamentais que os artistas criam e criando relações de continuidade e solidariedade entre o grande público e o sector mais avançado da produção.” Nesse mesmo ano, Renzo Renzi dedicava uma obra a Lollobrigida que a descrevia assim: “Gina Lollobrigida, mais do que uma atriz, é hoje uma ‘diva’ neste ano de 1955, a diva número um do cinema italiano”. Por detrás de **La Romana** estavam dois dos grandes produtores de então, Carlo Ponti e Dino de Laurentiis, que suportam Zampa num filme que visava o grande público e em que Gina Lollobrigida preenche inteiramente o ecrã com a sua presença. A atriz voltaria em 1988 a “La Romana”, ao interpretar a mãe da protagonista numa série produzida para a televisão italiana. Por Lollobrigida, mas também por várias outras qualidades de um filme muitas vezes esquecido, vale a pena regressar a **La Romana**.

Joana Ascensão